

ANTI-SEMITA, NÃO. REALISTA, SIM

Margarida Santos Lopes

JOHN J. MEARSHEIMER
E STEPHEN M. WALT

The Israeli Lobby and the US Foreign Policy

Londres,
Penguin Books, 2007,
484 páginas

Nunca um ensaio académico «explodiu com tanta força» como *The Israeli Lobby and the US Foreign Policy* desde que a revista *Foreign Affairs* publicou *The Clash of Civilizations* [O Choque das Civilizações], de Samuel P. Huntington, em 1993. Esta certa avaliação foi feita por Michael Massing na *New York Review of Books*, em Junho de 2006, três meses depois de a obra de John J. Mearsheimer e Stephen M. Walt (M&W) ter aparecido, primeiro na forma de artigo, na *London Review of Books* (LRB).

Não deixa de ser irónico que, em 2007, quando o artigo (simultaneamente colocado como *working paper* no *website* da J. F. Kennedy School of Government da Universidade de Harvard) se tenha expandido em livro, Mearsheimer e Walt o tenham dedicado a Huntington, um amigo de ambos no último quarto de século. «Não podemos imaginar figura mais exemplar. Sam sempre abordou grandes e importantes questões e respondeu a essas questões de um modo que o resto do mundo não poderia ignorar», escreveram os autores no Prefácio. «Embora cada um de nós tenha discordado dele em numerosas ocasiões ao longo dos anos – às vezes pública e veementemente –, ele nunca usou essas divergências contra nós, e foi sempre um apoiante do nosso trabalho.»

O recado ficou dado aos que, no mundo académico e fora dele, caluniaram Mear-

sheimer e Walt como «anti-semitas» e descreveram as 484 páginas do livro, incluindo as 106 de notas e referências (muito mais do que as 80 do artigo no site de Harvard), designadamente, como o fruto de uma investigação «mediocre», «desonesta», «conspirativa» ou «inspirada em fóruns neonazis e islamitas».

Por que causaram tanta irritação estes dois professores, Mearsheimer, de 61 anos, da Universidade de Chicago, e Walt, de 58, antigo reitor da John F. Kennedy School of Government, da Universidade de Harvard, ambos seguidores da tradição «realista» em Relações Internacionais, segundo



a qual o interesse nacional deve ser a única motivação da política externa de um país?

Os argumentos são perturbadores, e talvez isso ajude a explicar por que a revista *Atlantic Monthly*, que encomendou o artigo, no Outono de 2002, o rejeitou em 2005. Depois da Guerra Fria, afixam Mearsheimer e Walt, deixou de haver «bases estratégicas e morais» para o incomparável apoio, material (ajuda anual de três mil milhões de dólares) e diplomático (32 vetos no Conselho de Segurança da ONU a resoluções críticas do Estado judaico), que os Estados Unidos oferecem a Israel. E a razão por que os EUA põem «em risco» a sua segurança (com o crescimento do antiamericanismo) e a do resto do mundo deve-se «ao poder político do lobby de Israel, uma ampla coligação de indivíduos e grupos que tenta influenciar a política externa americana de modo a beneficiar Israel».

«Além de encorajarem os Estados Unidos a apoiar mais ou menos incondicionalmente, grupos e indivíduos no lobby desempenharam papéis-chave que moldaram a política norte-americana em relação ao conflito israelo-palestino, a fatídica invasão do Iraque e as confrontações em curso com a Síria e o Irão», acrescentam M&W, concluindo: «Estas políticas não são do interesse nacional dos Estados Unidos e, de facto, são também prejudiciais aos interesses a longo prazo de Israel.»

De nada valeu aos dois académicos professarem o seu inequívoco apoio ao direito de Israel existir e ser socorrido se essa existência estiver ameaçada. «O lobby», ainda que a sua legitimidade não tenha

sido posta em causa («é a antítese de uma cabala»), reagiu muito mal ao retrato que M&W fizeram dele, de organização infiltrada e/ou dirigida pela direita israelita (Likud), por neoconservadores e cristãos evangélicos fundamentalistas, que se opõem ao processo de paz (pp. 111-150).

UMA CAMPANHA SUJA

Jornais, revistas e blogs foram inundados com textos injuriosos. Palestras com Mearsheimer e Walt foram inexplicavelmente canceladas. E os que ousaram tecer elogios – mais à coragem de ambos em quebrarem tabus do que à própria obra –, como o respeitado historiador judeu, Tony Judt, foram quase vilipendiados. Com esta campanha, «o lobby» (em particular, os poderosos American Israel Policy Action Committee/AIPAC, Conferência de Presidentes e Anti-Defamation League/ADL) acabou por dar razão aos que denunciam táticas de silenciamento dos críticos, banalizando a expressão «anti-semita».

M&W tentam não deixar perguntas sem resposta. Aos que se interrogarem por que é Israel, a única democracia no Médio Oriente, tão duramente avaliado enquanto a ditadura síria e o regime teocrático iraniano são descritos como parceiros quase mais valiosos para Washington (na luta contra a Al-Qaida, por exemplo), os dois professores clarificam:

«Não haverá tentativas de comparar [Israel] com as acções de outros estados na região ou outras partes do mundo. Não estamos a centrar-nos na conduta de Israel porque temos uma animosidade contra o Estado judaico, ou porque achamos que o seu

comportamento é particularmente merecedor de censura. [...] Centramo-nos nas acções de Israel porque os EUA lhe fornecem um nível de apoio material e diplomático que é substancialmente maior do que dá a outros estados, e o fazem em detrimento dos seus próprios interesses» (pp. 80-81).

Influenciados pelos «novos historiadores» de Israel, os que destroem velhos mitos, como Avi Shlaim ou Benny Morris (que os renegou), M&W caem na tentação de fazer um juízo moral. Deveriam ter evitado este terreno perigoso. E, ao contrário do que alegam, fazem comparações. Não, dizem, não é por Israel ser uma democracia que merece tratamento especial, porque, no passado, os EUA «derrubaram governos democráticos e apoiaram alguns ditadores se isso fosse do seu interesse». Não, Israel «não é um país fraco e rodeado de inimigos», mas um Estado moderno, próspero e com um arsenal nuclear, cuja sobrevivência não está ameaçada. O seu comportamento «não é superior» ao dos adversários, sobretudo ao das suas «vítimas palestinianas», que imitam os sionistas na luta por uma pátria independente. «Foram terroristas judeus do infame Irgun, um grupo militante sionista, que no final de 1937 introduziu na Palestina a prática agora familiar de colocar bombas em autocarros e no meio de multidões» (pp. 78-110).

Ao insistirem na necessidade de os EUA defenderem os seus interesses, mesmo quando estes colidem com os de Israel, M&W são bem «realistas» no caso que citam: em 1995, quando o AIPAC convenceu o Congresso a aprovar legislação que

proibia as companhias americanas de explorar o petróleo do Irão (a Conoco tinha sido escolhida por Teerão para desenvolver as jazidas de Sirri), «Israel não aprovou qualquer lei que impedisse o comércio iraniano-israelita, e os israelitas continuaram a adquirir bens iranianos através de terceiras partes» (p. 288).

Ainda em relação ao Irão, Mearsheimer e Walt responsabilizam Israel e «o lobby» por, «nos últimos 15 anos, empurrarem os EUA a seguir uma política estrategicamente insensata». E se não fossem essas «forças centrais», a América «certamente que seguiria uma política diferente e mais eficaz». E uma política «mais consistente com os interesses americanos», segundo M&W, seria «tentar normalizar relações com Teerão e retirar da mesa a ameaça de uma guerra preventiva, porque a ameaça de uma mudança de regime apenas dá aos líderes iranianos mais razão para ter um poder de dissuasão nuclear».

Teremos oportunidade de medir o poder do lobby agora que o «Grande Satã» entreabriu a porta à república dos mullahs, com a participação, pela primeira vez, de um responsável norte-americano (o «número três» do Departamento de Estado, William Burns) nas negociações sobre o nuclear iraniano. E com o anúncio de que haverá em breve uma «secção de interesses» americana em Teerão – a primeira representação diplomática desde o corte de laços bilaterais em 1979.

A responsabilidade por esta inversão na política de isolamento do «inimigo» está a ser atribuída a Condoleezza Rice, a chefe da diplomacia de Washington que ambiciona sobreviver ao legado de Bush, e for-

çou este a seguir um rumo contrário ao do vice-presidente Dick Cheney. O simbolismo da participação de Burns no encontro de 19 de Julho, em Genebra, ficou patente na imediata reacção do ex-embaixador dos EUA na ONU. «É uma completa capitulação de toda a ideia de [forçar o Irão a] suspender o enriquecimento [de urânio]», vociferou John Bolton, um neoconservador, com fortes ligações ao AIPAC, como Cheney.

No seu livro, M&W já haviam detectado que a «estratégia de *engagement*» tem «apoio substancial na CIA, no Departamento de Estado e até entre os militares americanos, pouco entusiasmados em bombardear as instalações nucleares iranianas».

PODEROSO, MAS NÃO OMNIPOTENTE

Se Mearsheimer e Walt apresentam bases sólidas para realçar a pressão do lobby e de Israel para atacar o Irão, é mais frágil a sua argumentação quanto à influência exercida sobre Bush para invadir o Iraque, em 2003. O derrube de Saddam Hussein era um desígnio que os neoconservadores jamais esconderam desde a Guerra do Golfo de 1991, e a ideia que ressalta é a de que foram estes (judeus e não judeus) a servir-se do lobby para convencer a Administração a avançar para uma mudança de regime após os ataques de 11 de Setembro de 2001.

As acções do lobby nem sempre são coincidentes com a opinião da maioria dos judeus americanos – estes opuseram-se esmagadoramente à guerra, e distanciaram-se (temendo ser responsabilizados por um fiasco) dos que a justificavam como «necessária para garantir a segurança de Israel».

E «o lobby» também não esteve, nem está, sempre em sintonia com o Governo israelita. Agora, por exemplo, o primeiro-ministro Ehud Olmert está envolvido em negociações indirectas com a Síria de Bashar al-Assad – um líder que os neoconservadores e «o lobby» também queriam derrubar, no âmbito de um plano de «democratização» do Médio Oriente. Já em 1995, o AIPAC tentara sabotar os Acordos de Oslo com os palestinianos, ao fazer aprovar legislação no Congresso exigindo que os EUA mudassem a sua embaixada de Telavive para Jerusalém – um embaraço para Yitzhak Rabin e para Bill Clinton, que jamais aplicou o que foi votado.

Nem sempre «o lobby» conseguiu, portanto, os seus intentos (Ronald Reagan, um Presidente republicano e pró-israelita, não deixou de vender aviões à Arábia Saudita apesar das pressões do AIPAC), mas M&W, ainda que reconheçam isso, optam por transmitir a imagem de um grupo onnipotente, não apenas poderoso. Isso é enganador, ainda que muitos judeus israelitas – e judeus americanos – concordem que uma «agressiva advocacia» tem sido por vezes mais contra-producente do que benéfica.

No diário *Jerusalem Post*, M. J. Rosenberg, director do Israel Policy Forum, perguntou ao lobby:

«Foi ser pró-Israel pressionar a Administração Nixon em 1971 a rejeitar a oferta de paz de Anwar Sadat [defunto Presidente egípcio] em troca de uma retirada [israelita] de três milhas das margens do canal de Suez? Nixon cedeu à pressão e recuou, deixando Israel livre para recusar a proposta de Sadat. Dois anos depois, Sadat atacou e

Israel perdeu 3000 soldados numa guerra [do Yom Kippur] que poderia ter sido evitada se Israel tivesse aceitado a iniciativa de Sadat. Israel não ganhou nada nessa guerra e acabou por devolver a Sadat todo o território que queria reter em 1971, e muito mais [toda a península do Sinai].»

Outra pergunta:

«Foi ser pró-Israel impedir que as administrações Reagan, Bush I, Clinton e Bush II insistissem num congelamento dos colonatos ou, no mínimo, no desmantelamento imediato dos colonatos ilegais? Não teria sido infinitamente melhor se os EUA tivessem usado a sua persuasão amiga para pôr fim à colonização logo desde o início? Afinal, uma maioria de israelitas considera os colonatos obstáculos à paz, e o mesmo pensam todos os presidentes [dos EUA] desde que o primeiro colonato foi erguido.»

Num comentário publicado pelo jornal britânico *The Independent*, Rupert Cornwell diz que para recensar a obra dos professores de Chicago e Harvard (que alguns catalogaram de «tempestade política» e tsunami) foi às prateleiras da sua biblioteca à procura de inspiração. Encontrou-a em *The Lobby: Jewish Political Power and American Foreign Policy*. Aqui, Edward Tivnan, o autor (também citado por M&W), declara que o grupo de pressão pró-israelita cala o debate no Capitólio e tornou-se um obstáculo à paz no Médio Oriente. «Parece familiar? O livro é de 1987», sublinha Cornwell. «Francamente, os argumentos não mudaram nada. [...] E creio que os argumentos

muito semelhantes de Walt e Mearsheimer também farão pouca diferença.»

OBRA DE REFERÊNCIA

Não é isso que pensa Uri Avnery, ex-deputado no Knesset, em Jerusalém, que foi, nos anos de 1970, o primeiro a propor o que era, na altura, a herética solução de dois estados para o conflito israelo-palestiniano. Fundador do Movimento Gush Shalom, Avnery continua a ser um activista pela paz.

Escreveu ele, citado pelo *Middle East Online*:

«Há livros que mudam a consciência das pessoas e mudam a História. Alguns contam uma história, como *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beech Stowe, que deu grande ímpeto à campanha para a abolição da escravatura. Outros tomam a forma de um tratado político, como *Der Judenstaat* [O Estado dos Judeus], de Theodor Herzl, que deu à luz o movimento sionista. Ou são de natureza científica, como *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin, que mudam o modo como a humanidade se vê a si própria. E, talvez, também a sátira política possa abanar o mundo, como *1984*, de George Orwell. O impacto desses livros foi amplificado pelo tempo. Apareceram no momento certo, quando uma maioria de pessoas estava apta a absorver a mensagem. [...] *The Israel Lobby and the US Foreign Policy* poderá vir a ser um desses livros.»

«Se este livro pudesse ser ignorado, já o teria sido – como aconteceu com outros que foram enterrados vivos», constatou Avnery.

«Há alguns anos, apareceu na Rússia um volumoso tomo de Alexandre Soljenitsin, mundialmente famoso Prémio Nobel da Literatura, sobre a Rússia e os judeus. Tanto quanto sei, não foi traduzido em qualquer outra língua e, seguramente, não em hebraico. Inquiri vários destacados intelectuais de Israel e nenhum jamais ouviu falar do livro. Nem sequer aparece na lista da Amazon.com, que inclui todas as outras obras do mesmo autor.»

The Israeli Lobby esteve várias semanas na lista de livros mais vendidos da Amazon... antes (e depois) da publicação da primeira edição, em 2007. A mais recente, sem qualquer alteração à versão original, apesar da torrente de críticas, foi lançada este mês de Setembro. E dois anos depois de a LRB ter aproveitado o que a *Atlantic Monthly* rejeitou, uma das recomendações de M&W, no capítulo final, a de encorajar a evolução de um *lobby* «mais razoável» (p. 354), foi aceite por uma parte da comunidade judaica nos EUA que não se sente representada pelo AIPAC.

Em Abril nasceu J. Street, que se define como «braço político do movimento pró-paz e pró-Israel». Em apenas três meses, emergindo das fileiras de outras três orga-

nizações já existentes (Americans for Peace Now, Britz Tzedek veShalom e Israel Policy Forum), conseguiu a adesão online de 40 mil pessoas – a Internet é a sua principal base de operações.

Não é certamente coincidência que a capa da mais recente edição do livro de M&W tenha como frase promocional um extracto da recensão feita no *Ha'aretz* por Daniel Levy, membro do conselho consultivo de J. Street e considerado o «ideólogo» da nova organização: *This is an important book that deserves to be keenly debated*. Para Levy, um liberal que não deve ser confundido com o anti-sionista Noam Chomsky ou com o neoconservador Bernard Lewis, «não é Israel *per se* que se tornou um passivo, mas Israel como ocupante. Se o conflito for resolvido, Israel poderá voltar a ser um trunfo estratégico».

É uma distinção clara, que muitos judeus israelitas há vários anos vêm fazendo mas que, só há relativamente pouco tempo, alguns judeus americanos ousam estabelecer, sem medo de serem ostracizados como *self-hating jews*. Ainda que sob fogo intenso, Mearsheimer e Walt abriram, de certo modo, a porta a um debate mais racional e menos emotivo. 